

Tales Faria

Brasil acenará com outros parceiros contra tarifaço dos EUA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) fez questão de deixar claro logo na abertura da reunião ministerial dessa quarta-feira, 3, qual será a principal estratégia de negócios do governo brasileiro após o novo tarifaço dos Estados Unidos: o país vai aprofundar a busca por novos parceiros para minimizar os impactos das alterações nas políticas comerciais norte-americanas.

“Não vamos ficar chorando. Nós vamos procurar outros parceiros. Se ele [o presidente dos EUA, Donald Trump] não quer comprar, a gente vai vender para quem quiser comprar. Não vamos ficar reclamando. Se não quiser investir aqui, nós vamos procurar outro. O Brasil é dono do seu nariz. Isso aqui é um país democrático e soberano”, disse o presidente.

Lula já havia dado ordem aos ministros da Fazenda, Dario Durigan, e das Relações Exteriores, Mauro Vieira, para estreitarem os laços com a China. A ideia é usar a disputa comercial e geopolítica entre Trump e o país asiático para diminuir o poder de fogo de Donald Trump nas negociações com o Brasil.

Coincidentemente, no dia anterior à reunião ministerial, o Conselho de Estado chinês havia divulgado uma nota de apoio à “soberania, independência e autonomia” brasileira.

A manifestação em favor do Brasil ocorreu em Pequim, durante um evento chamado “Diálogo Estratégico Abrangente China-Brasil” em que o ministro das Relações Exteriores da China, Wang Yi, falou em avançar nos intercâmbios com o Brasil não só na área comercial como também em assun-

tos culturais, de educação, turismo, esportes, juventude, tecnologia e meios de comunicação.

Lula quer conversar pessoalmente com Trump. Para isso, na reunião ministerial anunciou que irá ao encontro do G7 marcado para os próximos dias 15 e 17 de junho, quando acredita que poderá encontrar com o colega norte-americano, nem que seja por pouco tempo, para marcar uma conversa mais longa. “Eu nem ia ao G7, mas agora eu vou”, afirmou.

O presidente brasileiro não pretende entrar em choque com Donald Trump, mas deixar claro que o Brasil tem outras opções comerciais que não os EUA, assim como tem produtos que interessam aos norte-americanos, tais como as chamadas terras raras ou minerais críticos. Depois da China, é o Brasil que tem as maiores reservas do mundo.

Não se trata de oferecer nossos produtos em troca de diminuição das tarifas, mas de acenar que, se não houver boa vontade dos EUA, produtos que interessam àquele país podem ser negociados com outros.

No caso da carne bovina, por exemplo, os EUA enfrentam escassez ao mesmo tempo em que a China acaba de declarar que considera o Brasil livre de febre suína. Isso significa que a importação de carne brasileira pelos chineses tende a aumentar. A China compra cerca da metade da carne de boi exportada pelo Brasil.

A preocupação dos EUA neste ponto fez, inclusive, com que a carne não entrasse no aumento de tarifas proposto no tarifaço.

Lula acredita que as taxas propostas contra o Brasil não tiveram o aval definitivo de Trump. Sendo assim, ele acha que a conversa olho no olho terá importância.

Fernando Molica

O risco de Flávio virar David Luiz

Às vésperas de uma nova Copa, Flávio Bolsonaro poderia ver uns jogos da seleção brasileira em 2014 e prestar atenção em algumas atuações do zagueiro David Luiz — verificaria o risco que representa largar a defesa e partir de forma desordenada para o ataque.

A revelação das relações cinematográficas com Daniel Vercaro e a consequente queda nas pesquisas obrigaram o pré-candidato do PL à Presidência a deixar de jogar parado. Até então, ele crescia sem muito esforço: graças aos votos cativos do pai, ele se isolava na dianteira entre os candidatos de direita, o que lhe gerou mais e mais adesões.

Ainda que desolado com a não escalção de Tarcísio de Freitas, o empresariado tratou de migrar para as bandas daquele que se apresentava como “o Bolsonaro que toma vacina”. Acreditou na possibilidade de existência de uma versão moderada de um movimento político que depende do radicalismo para viver.

Deu no que deu. O senador fluminense foi flagrado pedindo dinheiro para o então dono do Banco Master, ensaiou desculpas, prometeu (e não cumpriu) apresentar as contas da produção, admitiu que visitara Vercaro quando uma tornozeleira já resplandecia em uma de suas canelas.

Diante dos gols tomados, Flávio fez como David Luiz. Partiu para o ataque, para uma viagem aos Estados Unidos tão improvisada quanto as investidas do zagueiro no Mineirão, no fatídico jogo contra a Alemanha. O suposto gol marcado pela classificação do PCC e do CV como organizações terroristas ainda estava sendo analisado pelo VAR quando Donald Trump começou a lançar bolas nas

costas do primogênito de Jair Bolsonaro.

Supreendido com a vantagem do adversário e com o cartão amarelo dado pelos EUA ao Pix, Flávio Bolsonaro passou a tentar inverter o jogo e acusar o outro time — no caso, o presidente Lula (PT) — de ser o principal responsável pela lambança.

Ele exerce seu papel ao tentar convencer o juiz-eleitor; política é também uma grande guerra de versões. O problema é que os fatos conspiram contra ele. Ano passado, o clã Bolsonaro, especialmente o então deputado Eduardo, alardeou que buscava nos EUA a imposição de medidas contra o Brasil. O tarifaço chegou a ser comemorado até por aliados como o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, que meteu na cabeça o boné trumpista.

Agora, as novas ameaças da Casa Branca foram anunciadas no rastro da viagem de Flávio Bolsonaro em que se encontrou com Donald Trump e com o secretário de Estado, Marco Rubio. Na semana passada, o governo brasileiro afirmou, dias antes do ataque ao Pix, que ações contra grupos classificados de terroristas poderiam afetar o sistema financeiro nacional, e até mesmo o nosso mecanismo de pagamentos.

Assim como jogadores de futebol, políticos têm que adaptar seu jogo às condições de cada partida, mas é complicado quando mudanças afetam de maneira radical o esquema proposto. O Flávio moderado durou pouco, deu lugar a um personagem mais compatível com o bolsonarismo. O problema é que o ataque desesperado deixa a defesa ainda mais desguarnecida. E, a essa altura da disputa, ele já deve ter notado que não dá pra combinar nada com o ruço Trump.

EDITORIAL

A importância da nova vacina do SUS

A saúde pública brasileira celebra uma conquista silenciosa, mas monumental. O anúncio da incorporação da vacina pneumocócica 20-valente (Pneumo 20) ao calendário nacional do Sistema Único de Saúde (SUS) representa um salto qualitativo na proteção de nossas crianças, idosos e grupos vulneráveis. Ao substituir progressivamente as versões anteriores, o novo imunizante amplia o escudo biológico contra o pneumococo, bactéria responsável por infecções devastadoras, incluindo a pneumonia, a otite e formas graves de meningite.

Mais do que uma atualização técnica ou estatística, essa medida amplia o acesso de muitas famílias brasileiras a um sistema mais eficaz de proteção à bactérias, já que vacinas contra os 20 sorotipos mais agressivos estavam restritas às clínicas particulares. Proteger um filho contra o risco de sequelas neurológicas da meningite ou contra a agressividade de uma pneumonia invasiva dependia muito do saldo bancário dos pais. Ao incluir a Pneumo 20 no sistema de vacinas, o SUS cumpre sua missão constitucional mais nobre: a de ser um equalizador de direitos fundamentais.

O avanço chega em um momento crucial. Dados epidemiológicos recentes acenderam o alerta para o repique de casos

de meningite pneumocócica na infância após anos de declínio. A ciência oferece a resposta exata para conter essa tendência, mas o sucesso da estratégia não depende apenas da chegada das caixas térmicas aos postos de saúde. A logística governamental é apenas metade do caminho. A outra metade se consolida na consciência cívica e no braço de cada cidadão.

A hesitação vacinal, alimentada por anos de desinformação deliberada, ainda é um fantasma que ronda o país. Ir ao posto de saúde não é um ato de cuidado individual, mas um pacto de sobrevivência comunitária. O SUS coloca nas mãos da população o que há de mais moderno na medicina preventiva global. Devemos honrar o esforço dos profissionais de saúde e garantir que o direito à imunidade integral seja, de fato, uma realidade para todos os brasileiros.

Assim, não importa o quão difícil seja se imunizar ou mesmo ir a uma consulta médica. Quanto mais pessoas ficarem com as defesas à doenças em dia, menor será a propagação delas no país e, como consequência, sua erradicação no país. Se vacinar não é apenas um ato para manter a caderneta em dia, mas para aumentar a bolha de proteção contra vírus e bactérias que podem provocar uma epidemia.

Opinião do leitor

Torcer e rezar

Hora de vibrar. De torcer pelo sonho do hexa. Não importa se a seleção não é favorita. Na Copa do mundo o torcedor se enche de fé e boas energias. Bandeirolas, bonés, pó de arroz, camisas, apitos, tatuagens, janelas e carros enfeitados, tomam conta da alma da população. Quem não gosta de futebol não ponha olho gordo na seleção.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.